

# Forma e função das cidades

ALDO PAVIANI

Geógrafo e pesquisador associado da UnB

**E**m tempo de metáforas, cidades podem ser comparadas a automóveis em termos de função e forma. Ao comprar um carro, a pessoa se reporta à forma dele — marca, cor e modernidade. A função materializa-se no fato de que veículos servem de transporte. A função é o desempenho do veículo.

Quando forma e função se referem a cidades, ambas ficam em evidência, pois marcam fortemente a geografia em que se localizam. Forma e função irmanam-se em metrópoles, como Londres, Tóquio, Cidade do México, Nova York — cidades mundiais, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Essas metrópoles possuem presença internacional por suas funções complexas, sobretudo no meio econômico e na produção industrial e serviços. A forma de cada uma delas é singular e, hoje, com a mídia, cinema e turismo são imediatamente identificados à primeira imagem. É admirável que o homem, ao longo dos séculos e com apoio nas respectivas culturas, arquitetura, arte e urbanismo, soube construir suas cidades com formas indelévels e funções características.

O inesquecível geógrafo Milton Santos, refundador da geografia brasileira, ao tratar de forma e função agregou os pares estrutura e processo no estudo das cidades. Pode-se afirmar, com Milton Santos, que esses quatro termos assumem caráter siamês, pois cada centro urbano possui funções ligadas à respectiva estrutura, que, por sua vez, se submetem a um determinado processo de urbanização, que gerou formas distintas para cada cidade do planeta. Há diversidade de formas, estruturas e funções em razão dos processos de urbanização singulares.

No caso de Brasília, a estrutura e a forma urbana foram pré-moldadas, juntamente com a função de capital política e administrativa do Brasil. Todavia, o processo gerado com a construção do Plano Piloto, inédito para a época, acabou submetido ao processo geral da urbanização de um país subdesenvolvido, pois a cidade apresenta bairros pobres e favelas. Nesse processo de urbanização, muita ênfase se dá à forma do

Plano Piloto — pássaro ou avião —, com suas asas Norte e Sul justapostas pelo Eixo Monumental. Todavia, fica obscurecida sua forma mais evidente e singular, o polinucleamento urbano.

Os núcleos múltiplos, que se somam para formação da totalidade urbana, tiveram como matriz o modelo original em que o Plano Piloto seria o lugar elitizado dos poderes da República. Com isso, o excedente populacional deveria formar cidades-satélites, indicadas no plano piloto de Lucio Costa. A dispersão dos núcleos se inicia em 1958 com Taguatinga. Os demais surgiram paulatinamente, em cada governo do DF, consolidando a forma polinucleada de Brasília. Núcleos esparramados no território do DF, com a função primordial de moradia, estruturaram uma cidade de alto custo e verdadeiro nó para administração futura, além de inaugurar inédita geografia urbana.

Com Taguatinga, Gama, Sobradinho, Ceilândia, etc., Brasília deixou de ser compacta e consolidou um processo que parece não ter fim, sobretudo com novos assentamentos — Sudoeste, Águas Claras (um paliteiro de altos edifícios discrepante na paisagem do DF) e o polêmico Noroeste (empobrecida reprodução do Plano Piloto, como criticou o pioneiro Ernesto Silva em carta ao *Correio Braziliense*).

Assim, os núcleos urbanos derramados no território, com função residencial apenas, registram desemprego. Criou-se, um processo sem volta, em que a população com menor poder aquisitivo foi beneficiada com lotes, mas com o ônus de construir a moradia. Os habitantes assumem os encargos da falta de oportunidade de trabalho próximo à residência, com longos percursos (caros e cansativos) de transporte (insuficiente e de qualidade duvidosa) nos deslocamentos para trabalhar

ou obter serviços no Plano Piloto.

Esse processo de urbanização é diverso das demais metrópoles brasileiras, pois, nelas, a mancha urbana levou séculos para ocupar seu território. Em Brasília, ao contrário, a urbanização foi induzida e projetada (alguns insistem em dizer planejada) para ter a forma, estrutura e funções de nossos dias.

Com problemas complexos, o que fazer? A urbanização não é um problema em si. O que parece problemático, no caso da capital, é o caráter imutável da forma e estrutura implantadas. Há inúmeros impactos a superar. Mudanças podem ocorrer nas funções e no processo. Nas funções, a solução estará em descentralizar as atividades, beneficiando as satélites mais populosas. Quanto ao processo, bloquear quaisquer assentamentos apenas residenciais. Diversificando-se o modelo, humaniza-se a cidade, dando-se conotação solidária à totalidade urbana.

